Curso Online de Filosofia

OLAVO DE CARVALHO

Aula 34
28 de novembro de 2009

[**versão provisória**]
Para uso exclusivo dos alunos do Curso Online de Filosofia.
O texto desta transcrição não foi revisto ou corrigido pelo autor.
Por favor, não cite nem divulgue este material.

Boa tarde a todos, sejam bem-vindos. Como eu não estou aqui neste preciso momento – estou viajando para Nova Iorque, uma viagem inadiável –, fiz essa gravação. Peço a todos os que estão online que a escutem agora mesmo, não deixem para depois. Os que não estão ouvindo agora podem ouvir depois, mas os que estão online permaneçam conectados e ouçam agora. Esta gravação é extremamente importante e diz respeito aos objetivos deste curso. Ademais, os ajudará a se situar existencialmente em face da atividade que estamos desenvolvendo aqui e dos seus planos de estudos posteriores. Sempre é bom voltarmos aos objetivos iniciais do curso de tempos em tempos, recolocá-los, esclarecê-los e aprofundá-los filosoficamente. No começo, esses objetivos são colocados apenas a título prático, para a orientação dos alunos, mas, pouco a pouco, eles vão se tornando objetivos de investigação e fundamentação filosófica, de maneira que a eles sempre possamos retornar; eles são a base da vida intelectual.

Já expliquei que a inspiração inicial deste curso foi o livro do Pe. Sertillanges, *A Vida Intelectual*, um livro cuja leitura eu recomendo. Evidentemente, o que está colocado ali não basta. Transcorreram sete décadas desde que o livro foi escrito; as coisas mudaram muito e, evidentemente, o Sertillanges não escreveu o livro para a situação brasileira específica na qual nós começamos a trabalhar e que, por sua vez, justificou o começo dos meus cursos na década de oitenta e justifica ainda mais este curso, o primeiro no qual eu posso planejar uma espécie de resultado. Todos os outros cursos foram quase que para um público flutuante – o pessoal entrava e saía. Nunca houve a possibilidade de um ensino mais regular como nós temos aqui. Portanto, este ensinamento foi planejado para uma situação muito específica e visa alcançar determinados objetivos; não é simplesmente uma série de conferências para serem ouvidas.

A idéia central que inspirou tudo foi o problema da consciência. Percebemos que, nas condições da sociedade atual – especialmente a brasileira – há uma série de fatores a impedir o desenvolvimento de uma consciência séria e responsável. Você é o tempo todo estimulado a olhar as coisas de uma maneira um pouco torta, enviesada, e nunca fazer um exame de consciência a sério. Você pode fazer um exame de consciência quando confessa seus pecados. Para isso, você faz uma listinha de pecados. Você sabe que são

pecados porque no catecismo consta que não se deve fazer nem isso, nem aquilo. Ritualmente, é claro que isso é uma confissão. Porém, confessar-se perante um sacerdote é um ato que possui dois níveis diferentes: por um lado, é um ato ritual válido da Igreja – se o padre o absolve, você está absolvido. Mas será que a confissão serve só para isso? Se você estudar as *Confissões* de Santo Agostinho, verá que não é nada disso; que a confissão é precedida de um exame de consciência num nível muito mais profundo do que normalmente as pessoas fazem para uma confissão ritual. Na verdade, as *Confissões* de Santo Agostinho são as confissões de uma vida inteira. Se as suas confissões não englobam toda a sua vida, se não o ajudam a integrar sua consciência de modo a poder se apresentar perante Deus, então quem é exatamente esse alguém que você leva diante de Deus? (Quando você está diante do sacerdote, está diante de Deus; o sacerdote tem de ser como uma figura transparente, quase inexistente, por isso há um véu entre o fiel e o confessor, para que a pessoa do sacerdote não atrapalhe.) Será que você está, naquele momento, com plena consciência de quem é você, o que fez, e qual o peso relativo das coisas que fez? Será que tem uma noção da hierarquia de gravidade e importância dos seus pecados e das eventuais circunstâncias agravantes e atenuantes? Em geral, as pessoas vão se confessar sem nada disso.

Eu não estou questionando a validade canônica da confissão; não é o meu assunto e nem vem ao caso. Falo da realidade da confissão. É claro que é mais fácil atingir um certo nível de densidade de consciência quando você se confessa solitariamente a Deus, sem padre nenhum. Quando você vai à igreja e se confessa – caso seja católico –, é apenas uma ratificação daquilo que já foi interiormente confessado a Deus. Você vai, por assim dizer, sacramentar sua confissão. Se você não fez essa outra confissão interior, o verdadeiro exame de consciência, sua confissão não vale nada.

Há dois momentos decisivos: um é o momento da absolvição, que é canonicamente decisivo, porém não feito por você – quem a faz é Deus, através do sacerdote. A sua parte do serviço tem de já estar pronta. A absolvição é serviço de Deus através do sacerdote, mas o exame de consciência e o conteúdo da confissão são serviço seu. O momento do exame de consciência não consiste em você apenas ficar escarafunchando pecados, sobretudo se você tem uma listinha de pecados possíveis: você fez isso, fez aquilo... É claro que a coisa não é assim. É isso que Agostinho faz? Não. Ele toma sua vida em suas mãos e a apresenta diante de Deus. À medida que ele a apresenta ao Interlocutor Onisciente, Ele lhe conta pedaços de sua vida que ele mesmo não tinha percebido. Deus sabe mais sobre você do que você mesmo. O pouco que você mostra para Ele, Ele responde iluminando sua consciência para que você entenda mais. Na medida em que você entende mais, você se torna mais responsável pela sua vida. Isso não quer dizer que virará santinho, que não pecará mais; não é esse o ponto. O ponto é que as suas confissões diante de Deus vão crescer em sinceridade, não porque você tenha se tornado mais sincero, mas porque você se abriu ao que Deus lhe mostra sobre você. Eu acho que esse é o momento mais importante da vida. Você faz um monte de pecados, e Deus, de certo modo, o recompensa pelos pecados, intensificando sua autoconsciência. É através de seus pecados que você percebe o caráter fragmentário da sua consciência e da sua personalidade. Você verá que, de

certo modo, quando diz a palavra “eu”, fala de algo quase inexistente, porque esse “eu” que você apresenta, com todos os seus pecados, não tem uma forma, uma organicidade, uma coerência, mas pedaços desconexos. Só Deus conhece a sua forma inteira, e isso é muito importante. É o famoso verso do Mallarmé: “*Tel qu’en lui-même enfin, l’éternité le change*”. Você morreu e agora é você mesmo, porque não se transformará em mais nada, tem uma forma acabada. Essa forma acabada é a que você tem diante de Deus e Ele já a conhecia antes de sua vida inteira. É quem você é no plano da eternidade. E, evidentemente, a nossa confissão íntima para Deus **[0:10]** deve se aproximar cada vez mais dessa forma, de modo que você saiba do que está falando quando diz a palavra “eu” para Deus. Onde você não sabe, onde está escuro, fragmentado, Deus vai preenchendo e lhe dando uma forma; isso é a consciência de si e tem de ser feito inúmeras vezes ao longo da vida.

O conteúdo do que você tem a confessar pode mudar muitas vezes no decurso da vida, porque você começa a perceber pecados que antes não percebia. Além disso, a hierarquia e a ordem dos pecados também mudam, e coisas a que você dava uma importância enorme tornam-se menos importantes, enquanto coisas que você nem percebia ganham relevância. Na confissão dos primeiros pecados de Santo Agostinho, ele se recorda de maus pensamentos que teve quando ainda estava no bercinho (maus pensamentos contra a mãe). Que importância tem, na ordem dos pecados, os pensamentos que um bebê tem contra a mãe? Normalmente, o cidadão comum nem consideraria isso pecado, daria risada. Ele confessaria: “Eu manipulei o imposto de renda, mexi com a mulher do vizinho, tomei pico...” Mas Agostinho percebe que aqueles maus pensamentos do início já revelam a raiz do mal dentro dele e, antes de confessar qualquer coisa que o cidadão comum tomaria como pecado, ele confessa aquilo. “Eu carrego a raiz do meu mal em mim mesmo e o faço já há algum tempo.” Você tem de rastrear a raiz do mal dentro de si.

O mal não é sempre aquele que vem no nascimento, que já se manifesta no bercinho. É também o que você incorpora da sociedade em torno, dos maus hábitos, da mentiras, dos erros... Tudo isso está sendo incorporado o tempo todo. Você incorpora hábitos altamente pecaminosos que não lhe parecem pecados e que jamais confessará ao padre. Se você não é capaz de perceber isso, então sua consciência moral está tosca; você é um homem adulto com a consciência moral de uma criança. Você se confessa como um menino de escola, que vai lá e confessa: “Padre, eu toquei punheta...” É assim que você faz. Se a sua confissão não está à altura do seu nível de responsabilidade moral adulta, não é verdadeiramente uma confissão. Canonicamente ela pode valer porque, se o padre lhe deu absolvição, você está absolvido, ainda que sua confissão tenha sido uma porcaria.

Mas o nosso problema não é esse. Estamos ali apenas para cumprir uma obrigação administrativa, como a de quem vai descontar um cheque? Você apresenta seus pecados e o padre lhe dá a absolvição; você dá uma coisa e recebe outra em troca. Se é só isso, então, sinceramente, você não precisa ter mais consciência na idade adulta do que tinha aos sete anos de idade. Aí a confissão se torna um jogo, um jogo perigoso, e você a usa como instrumento para amortecer sua consciência – o que é justamente o contrário do que

deveria acontecer. No Brasil, se houver dois padres capazes de explicar isso, é muito. Numa outra geração, isso era uma coisa óbvia, mas hoje já não é.

Estou usando como amostra o caso da confissão católica, mas suponhamos que você não seja católico, mas judeu, protestante, ateu. O problema é o mesmo. Você não terá a confissão ritual perante o padre, mas terá de ter um momento em que se apresenta diante da própria consciência ou diante de Deus, pouco importando por onde você esteja entrando em Sua presença. O que estou dizendo aqui vale para todo mundo.

Em última análise, o que eu estou dizendo é que aquilo que chamamos de consciência, ou autoconsciência, sobretudo do ponto de vista de consciência moral, é o elemento fundamental da integridade da personalidade. É a consciência moral que conta para si mesma sua própria história, que busca uma figura mais ou menos total da sua personalidade e acompanha as mudanças da sua personalidade. É ela que, a cada momento da sua vida, tendo em conta o seu nível de maturidade, de responsabilidade social etc. etc., pode fazer um julgamento da gravidade maior ou menor do que você fez.

O problema do desenvolvimento da consciência está intrinsecamente ligado ao problema do conhecimento, porque o modo de buscar uma consciência de si varia de acordo com o repertório e o nível dos conhecimentos que você tem. À medida em que você estuda, que medita, que lê livros, que incorpora novos conceitos, novas técnicas, novos pontos de vista etc., você enriquece a sua estratégia para se examinar a si mesmo, isto é, você passa a fazer a respeito de si mesmo perguntas que não fazia, como, por exemplo, perguntas relativas às conseqüências dos seus atos. Quando você é pequenininho, pode fazer uma confissão baseada apenas em suas intenções. Se não teve má intenção, então não é culpado daquilo. No entanto, existe um limite claro entre ter uma intenção consciente e não ter intenção alguma, ou ter uma intenção inconsciente? Esse limite não é claro, absolutamente. Muitas vezes, só não tomamos consciência de algumas coisas que fazemos, ou das conseqüências de nossos atos, porque não queremos; criamos uma carapaça de defesa e não agüentamos sentir culpa além de um certo limite; tampamos os buracos para impedir a entrada da luz e, portanto, não nos sentimos culpados daquilo. Podemos legitimamente alegar a inocência, nesse caso? Não. Aí não se trata de inocência, e sim de ignorância. Inocência é não saber algo por não saber. É como no exemplo dado pelo Pe. Ladusãns: você sabe quantos fios de cabelo tem na sua cabeça? Não sabe, mas não sabe porque não sabe. Ignorância é não saber algo que se tem a obrigação de saber. Se um motorista de ônibus vem dirigindo e de repente sai um sujeito numa moto e, velozmente, cruza na sua frente o sinal vermelho, o motorista pode dizer: “Como é que eu ia saber que vinha a moto?” Não tinha como ele saber disso. Mas e se o sinal estivesse fechado para o motorista e o motoqueiro aparecesse? Neste caso, o motorista tinha a obrigação de saber que não poderia ter furado o sinal. No primeiro houve inocência; no segundo, ignorância. A alegação de inocência quase sempre aparece onde há um caso de ignorância, sobretudo ignorância culpada. Assim se destrói a consciência.

Qual é o instrumento com qual você pretende aprender filosofia? Qual o instrumento com o qual você vai ler Platão, Aristóteles, São Tomás de Aquino? Eles falam diretamente para a sua consciência. Se ela está tapada, embotada numa série de pontos, você não vai entender aquilo. Terá um entendimento superficial – não raro, meramente verbal ou filológico; isso se não aproveitar para fazer em cima daquilo um monte de confusões acadêmicas meramente pedantes. **[00:20]** (Na verdade, chamar de pedantismo o que se vê na academia hoje é até um elogio, porque pedantismo é a exibição de uma capacidade técnica, de um conhecimento, mas o que ocorre frequentemente é o falso pedantismo, pois até o conhecimento que eles pretendem exibir é falso.) O único instrumento que você tem é a sua consciência. É através dela que você tem acesso àquilo que Platão, Sócrates e São Tomás de Aquino enxergavam, ou seja, à consciência deles. Isso aí é uma consciência que, do fundo dos tempos (2.400 anos atrás, com Platão e Aristóteles), se dirige à sua consciência. Se a sua consciência está toda embotada, não enxergará o que eles querem dizer; a mensagem não chegará lá. Ou você entenderá outra coisa, diferente do que eles disseram, ou não entenderá nada, podendo até distorcer tudo.

Pessoas como Platão ou Aristóteles passavam o dia inteiro examinando suas próprias percepções, seus próprios pensamentos, seus estados de alma, os objetos do mundo da experiência, os objetos do mundo humano e do mundo natural. Eles estavam sempre puxando tudo isso para a consciência. As situações que Aristóteles discerne na política e no teatro gregos eram experiência comum e corrente para todo o povo grego, mas a maioria tinha a experiência, ela passava e ia embora. Aristóteles voltou a elas e se indagou: “O que foi mesmo que eu vi lá? O que eu percebi lá?” Para Aristóteles, filosofia é recuperar essa experiência da memória e, primeiro, verbalizá-la; depois, transformá-la em conceitos, de tal modo que todos possam reconhecer a mesma coisa da qual ele está falando. Isso é que é filosofia, para Aristóteles. A experiência do filósofo é, no começo, idêntica à experiência de todos; ele apenas presta um pouco mais de atenção. O que ele está fazendo? Está intensificando o grau de consciência com que ele participa da experiência dele próprio e de todos os homens. Não há apelação. Se há uma consciência falando com a sua, você tem de abrir a sua para entender o que o outro está falando. A especialidade de Platão e Aristóteles não é ficar dormindo; eles estão acordados, atentos a sutilezas que você jamais perceberia se eles não chamassem a sua atenção para aquilo. Porém, se você não é capaz de refazer a experiência deles ou observar em si mesmo experiências análogas, não vai entender do que eles estão falando. Lembrem-se do texto do Benedetto Croce, lido na última aula: se você não tiver dentro de si os análogos daqueles estados de espírito que foram vivenciados pelos vários personagens das várias épocas, não os entenderá.

Isso é uma característica própria da consciência humana: cada consciência é uma superfície onde as outras se iluminam. É com a sua consciência que você ilumina o conteúdo de consciência que o outro lhe transmite. Não adianta ele ser muito inteligente ao lhe explicar alguma coisa; você precisa ativar a sua inteligência para, por exemplo, o que eu estou falando agora. Se eu falo isto para vocês, é porque sei o que falo. Mas será que todos entenderam o que eu

estou falando? Basta que eu entenda e fale para que vocês entendam? Não. Há uma experiência interior que eu condensei nestas palavras; vocês têm de abrir as palavras, descompactá-las e refazer a experiência interior correspondente ou análoga.

É com a consciência que você adquire a compreensão dos conhecimentos que já tem e dos demais conhecimentos que adquirirá ao longo do tempo. Mesmo os conhecimentos meramente utilitários – aprender uma língua, ou matemática –, é com a consciência que se os aprende. Eu estou morando nos Estados Unidos há quatro anos e continuo a aprender a língua, a cada dia aprendo mais coisas. Como eu percebo que, às vezes, a nuance que eu quis da a uma palavra não foi a que o sujeito captou? Basta-me saber o uso costumeiro da palavra, o uso de dicionário? Não. Não é um problema entre mim e a palavra; é um problema entre mim, a palavra e uma situação real na qual uma pessoa de carne e osso ouve o que eu falo. Minha consciência tem de estar aberta a tudo isso. Suponha que você, estudando matemática, começa a demonstrar um teorema. No meio da demonstração, você pula um pedaço e comete num erro. Conforme vai chegando ao fim, você vai observando uma incoerência. Isso ocorre automaticamente? Não. Você tem de estar consciente e atento.

A consciência é o único instrumento para a aquisição do conhecimento. Ela tem de se intensificar quanto mais o conhecimento de que se trata é de ordem reflexiva, quanto mais implique uma reflexão, uma avaliação e um comprometimento moral e pessoal com aquele aprendizado, tal como acontece na filosofia. É somente através dessa intensificação da consciência – que se realiza através do conhecimento – e desse esclarecimento, dessa iluminação do conhecimento – que se faz por intermédio da consciência pessoal, que se faz filosofia. Daí a definição: filosofia é a unidade do conhecimento na unidade da consciência, e vice-versa: a consciência busca dar unidade ao conjunto do que você sabe (pelo menos às coisas mais importantes que você sabe). Esse conjunto, por sua vez, reflete sobre você, mostrando-lhe a unidade da sua consciência, que nunca é uma forma acabada (só estará acabada na hora da sua morte).

Nesse trajeto você vai evoluindo desde uma visão fragmentária de si mesmo e do conhecimento (você sabe uma coisa aqui e outra lá, sem relacionar uma com a outra), para uma visão mais integrada, mais complexa, mais orgânica e mais viva. Esse é todo o trajeto da filosofia: a consciência que busca a unidade do conhecimento e que, através dessa unidade, se integra a si mesma de tal modo que, refluindo sobre o conhecimento, lá encontra mais unidade, integração, hierarquia, ordem e organicidade. Esse é o trajeto da filosofia.

Só para quem tem essa prática é que a sua pessoa e a sua personalidade têm uma forma. Só a pessoa que fez isso pode contar a sua vida. Os outros contam apenas fragmentos; uma coisa não se conecta com a outra. Esses outros podem até saber vários fatos, mas não entendem em que medida tal ou qual fato que lhes aconteceu, tal ou qual ação que praticaram, determinou aquilo que são *agora*. Eu me interesso pela biografia das pessoas há muito tempo e noto que a quase totalidade delas não consegue relacionar um pedaço de suas vidas com outro pedaço. Tomaram decisões dez anos atrás, cujas

conseqüências (para mim, como observador) são óbvias, mas elas não enxergam isso; sua vida, para elas, não tem unidade. **[00:30]**

Claro que, através desse esforço, podemos errar e conceber uma unidade falsa. Mas, se isso ocorre, logo começam a aparecer dissonâncias, incoerências na sua vida, e você terá de corrigir aquilo. É como no processo científico. Você vai tentando formar uma idéia de conjunto da sua personalidade. Não se trata de auto-imagem, de uma forma estática que se possa colocar na parede e contemplar, mas de um conjunto móvel, de ordem biográfica, que vai adquirindo uma forma narrativa. Você vai aprendendo a contar a sua vida para você mesmo com diversas estratégias diferentes, que vão mudando conforme o tempo. Considere, por exemplo, uma experiência juvenil contada por um jovem que a viveu ontem, e a mesma experiência contada por um velho que passou a vida refletindo e que enxerga aquilo em perspectiva. É completamente diferente. O jogo entre conhecimento e consciência é que permite que aos poucos a sua personalidade adquira, para você mesmo, uma forma identificável, e que você compreenda quais as regras do jogo que presidem a sua vida: de onde você veio e para onde está indo.

O exercício do necrológico é um instrumento para facilitar essa visão em perspectiva. Ao olhar para a sua própria vida à luz da finalidade para a qual você está tentando conduzi-la, a coisa adquire uma forma. Você agora tem o critério – por assim dizer, o tema da sua narrativa –, e organiza sua vida como um romance, um livro de história. Já não se trata de um aglomerado caótico de acontecimentos; há uma certa lógica interna – uma lógica, uma hierarquia, uma ordem, uma organicidade. Só quando chega nesse ponto é que se pode começar a fazer uma confissão como a de Santo Agostinho. Você consegue enxergar mais ou menos a forma da sua vida e a forma da sua personalidade, em todas as dimensões dela – desde o sentido da vida (o que justifica e dá forma à sua existência) até os fatores de antagonismo e dissolução que existem dentro e fora de você, que o afastam do sentido da vida e o induzem a fazer coisas totalmente antagônicas a ele, e que podem até destruir tudo. Quando chega aí, a palavra confissão começa a ter um outro sentido.

Do ponto de vista moral, por exemplo, os pecados mais importantes podem não ser aqueles que mais chamariam a atenção dos seus vizinhos. Se você comer a mulher do vizinho e ele descobrir, vai dar um bafafá desgraçado, todo mundo vai falar, a sua vida pode acabar. Aqui nos EUA, pegaram o governador não sei de onde no motel e acabaram com a carreira dele. Também o Jimmy Swaggart: fotografram o pastor no puteiro, pronto, acabou a carreira dele. Ficou vinte anos quieto em casa. Quando voltou à pregação havia três pessoas no auditório.

Mas você, no seu interior, pode perceber o seguinte: “Deus, eu jamais prestei atenção à Tua opinião sobre mim; eu só pensei na opinião das pessoas.” Isso é imensamente mais grave do que você comer todas as mulheres de todos os seus vizinhos. Isso viola o primeiro mandamento, é mortalmente sério. Agora, é impossível você comer a mulher do vizinho e não perceber. Mas e o pecado do total desprezo pela opinião de Deus? Você pode passar anos e jamais perceber. Quanto mais você o comete, menos você o percebe – ou seja, você jamais se

apresentou realmente diante de Deus. Se você é católico, chega ao confessionário e se acusa daquelas coisas que seus vizinhos te acusariam se soubessem, mas não se acusa daqueles pecados que eles não podem saber – aqueles que só Deus pode saber. É característico desse desprezo pela verdade que, quanto mais você pratica esse pecado, mais você despreza a verdade e menos você a conhece, e, portanto, mais inocente você se sente.

Isso é inadmissível se você quer dedicar a sua vida a uma tarefa de tipo intelectual, mesmo que você nunca tenha pensado em exercê-la profissionalmente. Eu não estou falando de profissão, não estou dando certificado nenhum, não sou o Ministério da Educação para autorizá-lo a exercer a profissão de filósofo, e nem acredito que filósofo seja uma profissão. A filosofia é uma atividade que pode ser desenvolvida toda na vida interior e deixar até poucos testemunhos em volta. Se você tem algo a ver com essa atividade – e não acredito que alguém tenha o direito de fazer o meu curso se não está a fim disso –, você pode até não querer exercer uma profissão nominalmente chamada intelectual, mas, se você veio aqui, é porque quer aumentar o seu nível de responsabilidade cognitiva e, portanto, intelectual sobre a sua existência. Não venha me dizer: “Ah, eu não posso ter tanta responsabilidade como a de um filósofo, porque eu sou apenas plantador de banana, apenas dono do posto de gasolina, apenas um empresário, apenas capitão da PM...” Eu não estou falando da profissão que você exerce, mas do nível de integração cognitiva e de responsabilidade intelectual com a qual você vive a sua vida. Você veio aqui para aprender isso. Se, além disso, quiser exercer uma profissão intelectual, isso é problema seu. Todo aquele que vem parar em qualquer curso meu, principalmente neste aqui, vem para aprender os princípios e critérios da vida intelectual, e do exercício da filosofia em particular – não como atividade nominal, mas como regra de vida.

Ocorre que muita gente que se dedica a outras profissões se esconde atrás delas dizendo: “Ah, eu não pretendo ser filósofo, não tenho essa ambição”. Então o sujeito se permite vir aqui, ouvir um monte de coisa e continuar dirigindo sua vida segundo os critérios usuais da classe social a que ele pertence. O que esse sujeito aprendeu? Absolutamente nada. Mas o pior é o seguinte: com o que o camarada aprende aqui, ele ganha um certo nível de integração, mesmo que não preste muita atenção. Em todos os cursos que eu dei, no começo você não precisa fazer nada além de sentar e ouvir; eu vou colocando em ordem certas coisas, e essa ordem se transmite à sua cabeça, a não ser que você esteja dormindo. Então, um pouco dessa ordem, dessa integração, você vai receber e vai se sentir melhor. Mas isso não basta, se você não assumiu a idéia de que você agora é um intelectual, um filósofo, independentemente da sua profissão nominal, e você tem de agir em tudo com o nível de responsabilidade intelectual de um filósofo, de um aluno do Olavo de Carvalho. **[00:40]** Nós aqui não estamos para brincadeira. Aqui se perdoa tudo que o aluno faz, mas, se você não quer ser uma pessoa de alta integração cognitiva, uma pessoa intelectualmente responsável, se não quer dirigir a sua vida pela inteligência, mas dirigi-la pelo hábito, pela palavra dos outros, pelos valores que aprendeu com papai e mamãe, então o que está fazendo aqui? Você não tem o direito de fazer isso, ninguém tem o direito de fazer isso. Portanto, ninguém venha aqui dizer: “Eu não sou intelectual, não sou filósofo,

sou apenas bancário...” Sócrates foi um soldado e depois um empreiteiro. Tales de Mileto era um comerciante. São Tomás de Aquino era padre, René Descartes era militar, Leibniz era diplomata. Não tinham “profissão de filósofo”. Que coisa mais alienante é essa de achar que “intelectual” é uma profissão que certas pessoas têm, que “filósofo” é uma profissão que certas pessoas têm, e que você está desobrigado disso? Quem lhe disse que você poderia fazer isso? Isso está totalmente contra a regra do jogo. Se você fizer isso, é seguro que tudo o que aprendeu comigo irá embora em pouco tempo, na primeira oportunidade. Assim que eu virar as costas, se você passou três meses sem vir aqui no curso, acaba tudo, porque só quem pode manter a integração desse conhecimento é a sua própria consciência tomada no seu nível de responsabilidade mais alto, tomada com todas as exigências da vida intelectual, tal como as explica o Padre Sertillanges e tal como eu as especifico no decorrer desse curso.

Em cada ato, em cada decisão, em cada situação da vida, você tem de pensar com todos os instrumentos que aprendeu aqui, para poder tomar as suas decisões com verdadeira responsabilidade intelectual. Isso abrange todas as suas decisões, todas! Tudo que é simplesmente habitual na sua vida – que você aprendeu na sua família, incorporou da sua classe social, aprendeu na universidade –, tudo vai ter de ser repensado à luz do que você conheça de mais alto e mais luminoso. Nada mais vale “por si”. Este curso (como aliás em todos os cursos que eu dei, mas sobretudo neste aqui), é um *upgrade* do seu nível de responsabilidade cognitiva, intelectual, moral e prática. Do contrário, você pode ser um filósofo no sentido em que é filósofo o Dr. Emir Sader, ou o Paulo Ghiraldelli. Eles são filósofos profissionalmente; só não o são substancialmente. Você está aqui para aprender a sê-lo substancialmente, pouco importando qual seja a sua profissão ou o seu lugar na sociedade.

Pelo menos para os alunos deste curso, a desculpa de ignorância jamais pode ser aceita. A desculpa da verdadeira inocência, sim, mas inocência é você não saber uma coisa que não dá para você saber e que você não tem obrigação de saber. Ignorância é não saber uma coisa que você tem obrigação de saber. E o que determina essa obrigação? O próprio nível de consciência que você tem. Isso que dizer que esse curso e o aprendizado da filosofia, a prática da análise filosófica, só pode prosseguir na medida em que há uma transfiguração dos seus critérios de existência, pouco importando qual é a área de atuação onde você desempenha seu papel na sociedade humana. Você pode ser um varredor de rua; você vai ter de tomar as suas decisões como um filósofo, não como varredor de rua. Por quê? Porque um varredor de rua não aprende essas coisas, mas você está aprendendo.

Além desse nível de responsabilidade pessoal, nós temos uma responsabilidade como grupo, todos vocês. Todos os meus alunos, desde o primeiro, sempre tiveram – percebessem ou não, aceitassem ou não. Desde o início estou explicando que este curso se destina a formar uma intelectualidade brasileira. E qual é a função da intelectualidade, neste sentido?

Vejam que, quando começa a fase da história chamada moderna, ocorre uma imensa transformação na distribuição do poder e das funções das várias entidades socialmente relevantes: o exército muda de função, a burocracia muda de função, a Igreja muda de função, o rei muda de função, o comércio muda de função, tudo é redistribuído. A partir dessa época, a Igreja Católica achou que era muito importante armar-se de poder temporal, ou seja, poder interferir diretamente nas decisões de Estado, assumir o papel de um poder. Autoridade, ela sempre teve. Qual a diferença entre autoridade e poder? Autoridade é aquele que te diz algo muito importante e que você tem a obrigação moral de ouvir, mas que não pode te impor. Sócrates tinha autoridade, mas que poder tinha Sócrates? Nenhum. Ele tinha autoridade porque estava falando a verdade. Quem diz que dois mais dois é quatro diz isso com a autoridade divina, porque quem fez que dois mais dois fosse quatro foi Deus. Você pode ter toda a autoridade e não ter o poder de se impor, não pode forçar as pessoas. Quando você se dota dos meios de impor sua vontade, automaticamente você perde autoridade: ganha o poder e perde a autoridade. Isso ocorre porque o poder está na esfera da ação, no produzir resultados; a autoridade está na esfera do saber e do julgar. Suponha uma situação em que tudo que você possa fazer está errado, as alternativas são todas ruins. A autoridade lhe diz que você não pode fazer nada além de aceitar a derrota, porque essa é a sua obrigação moral. Mas e se o sujeito não quiser aceitar, se quiser se sair bem? Ele terá de agir. Isso quer dizer que uma certa tensão entre poder e autoridade é inevitável, porque existem dois planos diferentes: a autoridade está falando no plano das verdades universais, às quais todos nós devemos ceder, mas o poder está atuando dentro de uma situação concreta e específica, temporal e, às vezes, muito urgente. Assim, é quase impossível que o poder sempre siga as determinações da autoridade. Quando eles se afastam, acontece como naquela fábula do cego e do aleijado. Eles estão numa caravana no deserto, a caravana é atacada, todos se perdem e só sobram eles. Qual é a coisa natural? O aleijado subir no ombro do cego **[00:50]** e este carregar o aleijado, que lhe indicará o caminho. Essa é a imagem: a autoridade enxerga e o poder age. Quando eles se separam, um dos dois vai se ferrar, ou ambos. O estudo da História Ocidental mostra que durante todo o período chamado medieval, embora a Igreja tivesse muito menos poder do que os governantes civis, eles a seguiam de uma maneira ou de outra, porque a totalidade do conhecimento era sintetizada e organizada pela Igreja. Ninguém sabia mais do que ela. Era natural a quem tinha o poder seguir a autoridade, porque ela está como o aleijado que indica o caminho para o cego. No momento em que a Igreja passa a ser também um poder, ela é um poder dentre outros. Sua função de autoridade automaticamente diminui, porque aparecem autoridades concorrentes (isso acontece principalmente com a Reforma). Quebra-se a unidade do mundo cristão. Existem duas autoridades antagônicas: qual das duas o poder vai seguir? O que os Estados, os reis fizeram? “Não sigo nem uma, nem outra; eu me coloco acima das duas, legislo sobre as duas.” Estão lá os católicos e protestantes se matando, que faz o rei? Toma o lado dos católicos ou dos protestantes? Não interessa de qual lado esteja o rei, ele tem de governar a ambos, tem de se colocar acima de ambos, e esta é a origem do Estado leigo moderno, que é o Estado que não está travado por nenhuma autoridade intelectual, é o Estado no qual o poder tem o horizonte livre. Não é preciso dizer que tudo que sucedeu de mal em seguida é por causa disso. As

pessoas lamentam que a Revolução Francesa tenha cortado a cabeça do rei, mas o rei já tinha cortado a cabeça da Igreja primeiro. O rei foi o primeiro revolucionário do Ocidente.

O que aconteceu nesse ínterim? Aconteceu que, na esfera do julgamento moral, da pura autoridade, abriu-se um espaço, que a Igreja já não ocupava. A Igreja, por assim dizer, já não tinha o monopólio do saber, ela deixou aquilo escapar de suas mãos. Quando, por exemplo, começam a surgir as novas filosofias humanistas, cientificistas, materialistas, vê-se claramente que a Igreja Católica não acompanha o desafio, perde-se no meio dessa confusão que está aparecendo, não sabe mais como reagir. Às vezes, a resposta é até ingênua em face da complexidade do que seus inimigos estão armando. Tome-se como exemplo a obra do Abade Barruel, *A História do Jacobinismo*, que explica toda a Revolução Francesa como uma conspiração entre intelectuais e Frederico, rei da Prússia. Essa foi uma das causas, sem dúvida, mas não é tudo. Tudo o que Barruel diz naquele livro é verdade, só que faltam milhões de outras coisas. Um dos fatores que faltam é justamente o que eu estou falando aqui: o surgimento de novas formas de autoridade. É a autoridade que faz um julgamento moral de aprovação ou condenação, sem ter os meios de impor aquilo a ninguém. Essa é a esfera dos formadores de opinião.

Durante muitos séculos, a Igreja, sem ter poder nenhum – sem ter uma espada, nem um estilingue –, era a grande e única formadora de opinião. Ninguém era mais inteligente do que os padres, ninguém sabia mais do que eles. Ainda que não tivessem uma única arma, as pessoas acabavam seguindo a orientação dos padres, pelo simples fato de que fora daquilo não havia nada. Quando a Igreja se transforma ela própria num poder temporal, a divisão mesma de trabalho requerida para isso faz com que as áreas de manutenção da autoridade sejam relaxadas e que, portanto, o pensamento católico decline vertiginosamente de qualidade. Não há comparação possível entre os pensadores católicos do começo da modernidade, como René Descartes, com os grandes escolásticos do século XIII. Aquilo foi uma descida de nível absolutamente formidável. Ninguém pode duvidar da sinceridade subjetiva do catolicismo de René Descartes; no entanto ele estava, sem saber, trazendo a destruição da fé religiosa. Assim como Kant, que nunca pensou que ia destruir a religião (quem o avisou disso foi seu criado de quarto, um velhinho, que leu as coisas dele e disse: – Mas Professor, o senhor vai acabar com a religião desse jeito). Kant não sabia disso. Esses são os filósofos modernos, filósofos cristãos.

Assim, à medida em que a Igreja recua na formação de opinião (apesar dos esforços monstruosos da Companhia de Jesus para restaurar uma intelectualidade, esforços que deram errado por motivos que explicarei outro dia), começam a surgir os clubes de debates. Esses clubes não têm poder, não podem lavrar uma sentença judicial, não podem mandar uma pessoa para a cadeia, não podem tirar o emprego de ninguém; eles só podem aprovar ou desaprovar, espalhar na sociedade um sentimento de aprovação, de louvor ou de repulsa, e este sim foi o fator decisivo na Revolução Francesa. As obras do grande historiador Augustin Cochin versam todas sobre isso. Esse historiador, que durante muito tempo ficou esquecido, acertou na mosca. O que provocou

a Revolução Francesa não foi propriamente a conspiração entre Frederico II e dois ou três intelectuais (claro, isso estava lá também); não foi a Maçonaria (claro que isso estava acontecendo também dentro da Maçonaria). O fator decisivo foi que muitas sociedades esotéricas que existiam antes, algumas de tipo maçônico, se transformaram em clubes de discussão e, portanto, se transformaram no grande formador da opinião pública, até que, aos poucos, foram criando uma atmosfera hostil ao rei, à religião, à ordem antiga etc.

Aluno: Eu me perdi: por que a Igreja perdeu a posição de formadora de opinião?

Olavo: Eu também não sei por que perdeu, é difícil dizer o porquê, só posso dizer o como. O que se observa é que, a partir de um certo ponto, a Igreja se envolve na disputa de poder temporal. Muitos pensam que, durante a Idade Média, a Igreja tinha poder temporal, idéia essa completamente errada. A Igreja, durante a Idade Média, tinha hegemonia intelectual, hegemonia cultural total. Dificilmente você vê surgir uma idéia anticristã durante aquele período, porque aquilo não era pensável; a linguagem era toda criada pelos filósofos cristãos, escritores cristãos, pregadores cristãos etc. Na arte, só se vêem formas cristãs. Uma vez formado o imaginário geral, todos seguem aquilo. A Igreja não precisava ter poder temporal porque ela desfrutava da autoridade, ela dominava o conjunto da cultura e, portanto, da formação das consciências. Mesmo que o sujeito odiasse a Igreja, **[01:00]** ele acabaria pensando do jeito que ela mandou pensar, porque não havia outro. Alguém, para ser realmente um inimigo da Igreja durante a Idade Média, precisava ser um verdadeiro Satanás, um gigante, um monstro, porque precisaria conceber uma cultura inteira.

Entretanto, a partir de um determinado momento, há uma entrada maciça de outros elementos, ao mesmo tempo em que a Igreja, por se concentrar muito na disputa de poder temporal, relaxa a manutenção de sua autoridade. Por exemplo, a Igreja assiste ao surgimento dos grandes debates que acompanharam o advento da ciência física moderna. Mas ela possui a hegemonia, ou seja, ela é capaz de fazer com que eles trabalhem em seu favor? Não. Mesmo as obras de cientistas que eram extremamente devotos, como Copérnico, são depois usadas contra a Igreja. Mesmo as descobertas de cientistas que eram católicos, que eram sacerdotes, se voltam contra ela. E, aos poucos, os próprios católicos acabam pensando de maneiras contrárias à Igreja, mas que eles próprios não sabem serem contrárias. Descartes é um homem tão devoto que fez uma promessa a Nossa Senhora de Loreto, em que se comprometia a subir de joelhos a escadaria de sua Igreja se descobrisse determinada coisa. E, de fato, quando descobriu, foi até lá. Ou seja, não se pode negar a devoção de Descartes. No entanto, na hora em que ele faz todo o conhecimento depender da subjetividade do indivíduo, seu “Deus” passa a ser um elemento externo que não faz parte da ordem do mundo, um elemento externo que só serve para colar os pensamentos das pessoas a um suposto mundo exterior. Deus não é mais o centro de construção do Universo; o centro de construção do Universo é, agora, a subjetividade do indivíduo. Deus deixa de ser o centro de construção do Universo e do conhecimento. Ou seja, Descartes é um sujeito totalmente subversivo e, aliás, totalmente errado.

Agora, por que foi Descartes que exerceu a influência sobre sua época? Por causa dos clubes de debates, que, agora, eram os formadores de opinião. Esses clubes nasciam de sociedades esotéricas que, antes, eram grupos fechados de heréticos, com suas práticas privadas e sem uma existência pública. No surgimento do mundo moderno, quando da fundação da Royal Society na Inglaterra, por exemplo, que foi a matriz da ciência moderna, todos os seus membros pertenciam a sociedades secretas, eram todos esotéricos, macumbeiros. Não eram cientistas, materialistas, objetivistas, nada disso. Como foi possível uma coisa dessas? Vê-se que a Igreja havia perdido realmente a hegemonia.

No entanto, quando se lê São Tomás de Aquino, percebe-se que ele ainda possuía um interesse muito profundo em assuntos que, depois, se tornaram esotéricos, e os quais a Igreja passou a abominar e a jogar fora, como alquimia, astrologia etc. Para São Tomás, tudo isso ainda era assunto muito importante. A partir de então, as sociedades esotéricas se apropriam desses conhecimentos dos quais a Igreja não queria nem saber, e passam a ser as detentoras de um saber que pode ser equívoco, nebuloso, confuso, mas que se refere a uma coisa real. Além disso, elas se auto-multiplicam na forma de clubes de debates. Por sua vez, os clubes de debates se proliferam por toda parte e criam o que hoje se chama de “clima de opinião”. Antes, quem criava o clima de opinião era a Igreja; agora, são os clubes de debates. Posteriormente, vem a mídia etc.

Aluno: A Igreja estava consciente da existência desses clubes de debates?

Olavo: Sim, é claro que a Igreja sabia que os clubes existiam, mas ela não entendia o processo. Dou como exemplo o próprio abade Barruel, que, buscando encontrar as causas da Revolução Francesa, dizia que tudo remetia a uma conspiração de quatro pessoas. Essa conspiração existiu, mas ela não pode explicar tudo. Era um processo imensamente maior. E uma espécie de sociologia desses clubes de debates só veio aparecer no fim do século XIX, com Augustin Cochin. Um pouco antes, Hippolyte Taine havia arranhado esse assunto no livro *A Origem da França Contemporânea*. Mas o primeiro sujeito que entendeu o que aconteceu foi Augustin Cochin, no fim do século XIX, quer dizer, um século depois da Revolução. Isso significa que a Igreja não estava acompanhando as transformações sociais que estavam acontecendo. A Igreja era um poder a mais dos que participavam do conflito de poderes, mas que já não tinha o controle, o domínio do horizonte cognitivo como possuía antes. É claro que isso foi uma queda do nível intelectual. Na época de René Descartes, havia algum grande filósofo escolástico capaz de discutir com ele? Não. E, mesmo se houvesse, a opinião que acabou permanecendo como importante foi a de Descartes, a de Newton etc.

Um elemento importantíssimo foi a formação da *Royal Society*. Ela se arroga o papel de “gerente geral das ciências”, escondendo a inspiração esotérica que havia por trás de tudo aquilo e criando esse mito da ciência moderna. Newton, por exemplo, tinha toda uma teologia pessoal antitrinitária: ele negava a trindade e a divindade de Nosso Senhor Jesus Cristo, criando uma espécie de

monoteísmo absoluto de tipo islâmico. Convinha a essa nova classe de intelectuais científicos esconder isso para baixo do tapete e criar o mito da autoridade científica de Newton, independentemente de qualquer pressuposto religioso, metafísico etc. Não se deve esquecer que Newton só virou autoridade no mundo graças a Voltaire. Foi Voltaire que disseminou essa visão limpinha de Newton, de um sujeito que só pensa em equações.

Hoje nós sabemos que tudo o que Newton desenvolveu com a lei da gravitação universal era apenas um elo de um longo raciocínio teológico destinado a fundamentar aquele monoteísmo absoluto. Também sabemos que as leis de Newton não tinham o alcance universal que ele pretendia; são apenas um instrumento descritivo adequado a certos aspectos da realidade. No entanto, Newton é colocado como o inaugurador de um novo mundo, é uma nova Revelação: houve Jesus Cristo e, depois, houve Newton. Isso evidencia que a Igreja estava perdendo o controle. Frequentemente, ela olhava essas novas descobertas da ciência com um respeito indevido – não podemos esquecer que a própria Igreja forneceu muita gente para esse exército dos formadores de opinião. Quantos padres não estavam no meio desse exército? **[1:10:00]**

Quando falamos de intelectualidade, é preciso lembrar que sua função eminente não é tomar o poder, não é participar da política, nem tampouco ficar em casa tratando de assuntos apolíticos e etéreos. A função da intelectualidade é criar a atmosfera geral da cultura e se posicionar dentro da sociedade como uma camada que, embora não tenha o poder de lavrar sentenças judiciais contra ninguém, tirar ninguém da presidência da república ou de tomar o emprego de quem quer que seja, pode criar uma disposição favorável ou desfavorável, pode julgar, absolver ou condenar, moral e intelectualmente, tudo o que se passa na sociedade. Essa é a nossa função.

O problema do Brasil é que, dentro da sociedade, toda a camada que possui essa incumbência foi tomada por um determinado ativismo político. Assim, ela não tem mais a função equilibrante e saneadora que tinha antes; ao contrário, ela se torna mais um fator de confusão, porque não vai levar em conta tudo o que ocorre na sociedade, nem olhar as coisas por todos os lados. Ela irá tapar, tornar invisíveis todos os fatos que não lhe interessam, que são contrários a seus interesses de poder. A total perversão da atividade intelectual no Brasil foi o que permitiu o advento deste governo, em que temos um estuprador na Presidência, bandido, ladrão, associado com narcotraficantes e ainda posando de bonzinho. Ou seja, não se trata de criticar politicamente essa situação; mas, sim, de se fazer uma crítica moral, infinitamente superior à política. Essas coisas que estão ocorrendo no Brasil simplesmente não podem acontecer. Não é apenas uma questão de ser esquerdista ou direitista. Se você pensa que toda essa degradação moral é só da esquerda, veja os problemas que eu tenho tido com esses moleques “católicos”. Portanto, a esquerda está totalmente corrompida, e a direita também.

Por isso, repito: a primeira coisa a fazer é restaurar uma intelectualidade, ocupar um espaço e criar essa espécie de “tribunal sem polícia”, onde as pessoas são julgadas e condenadas moral ou intelectualmente. A nossa função é formar essa camada. E não é necessário muita gente. Eu digo que se, dos mil

alunos que temos, cem conseguirem produzir obras importantes, nós já teremos criado outra hegemonia. Por mérito, você puxa para si a autoridade intelectual. Com a autoridade intelectual, não é preciso ter poder. Que poder tenho eu? Nenhum. Mas, quando eu falo, a universidade brasileira inteira treme nos alicerces, porque eles não têm autoridade. Sozinho, com as coisas que fiz, tenho autoridade suficiente para impugnar a validade de todas as faculdades de Filosofia do Brasil, porque elas não valem nada, são todas vigaristas. Não têm autoridade nenhuma para diplomar um filósofo. Como ousam diplomar um filósofo? Como quem não é filósofo pode diplomar outro filósofo, meu Deus do céu?? Isso é um escândalo, é uma vigarice tão grande quanto o mensalão! Veja que até o Paulo Ghiraldelli tem diploma de filósofo! Para ele dizer que o Michael Jackson é o grande pensador americano dos últimos tempos porque ele inaugurou uma nova linguagem dos quadris! Depois, há a história de que o Lula tentou estuprar um sujeito na cadeia... Ora, um país que dá um diploma de filósofo para o Paulo Ghiraldelli só pode ser presidido por um estuprador! E, nos Ministérios, há falsários, vigaristas, narcotraficantes, proxenetas: todo o poder ao banditismo.

Só que, para formar essa nova intelectualidade, precisamos de muitas pessoas. Cem é muito, mas eu espero que os mil consigam realizar isso. Os mil, ou mais: outros que entrem também. Pessoas que tenham verdadeira consciência de si; que entendam que são e precisam agir como filósofos. Pessoas com consciência intelectual plena do que estão fazendo, e que, quando não tenham consciência intelectual do que estão fazendo, não façam nada. Próprio da autoridade intelectual é a sua lentidão – pode levar muito tempo até ter uma consciência do que é o certo e o errado –, ao passo que o poder deve tomar atitudes imediatas, deve agir no momento.

A rigor, para nós, não existe o “não-intelectual”, o “não-filósofo”. Se alguém assistiu a dez, vinte, trinta aulas minhas, assiste o curso durante um ano ou dois, não tem o direito de dizer que está aqui apenas por uma “auto-ajuda”, para “se beneficiar”, para “melhorar um pouquinho”. Não tem o direito de dizer que não quer ser um intelectual, um filósofo. Ele já o é, desgraçado; ele já tem essa responsabilidade! Se ele não assume isso, vai usar tudo o que estou lhe ensinando como instrumento para adornar, embelezar ou aliviar a sua *porca vida*; mas na hora de suas decisões importantes, vai seguir outros critérios que estão infinitamente abaixo disso. E, sobretudo, vai voltar à famosa dualidade burguesa: existe aqui a vida prática e, ali, o mundo dos estudos; na vida prática, tudo deve ser decidido de acordo com critérios costumeiros aprendidos com papai e mamãe, ou na empresa em que trabalha, ou com os colegas de ofício etc. Essas decisões serão tomadas na base do amortecimento da consciência, ou na base do autojulgamento moral minimalista, em que o sujeito reduz ao mínimo a sua responsabilidade.

Por outro lado, se o aluno deste curso entendeu qual é a sua função pessoal e a função da intelectualidade na sociedade maior, então ele deve meter na cabeça que sua maior e única responsabilidade é decidir as coisas como intelectual e fomentar a vida intelectual no mais alto nível possível. Qualquer outro interesse que ele tenha deve ser posto integralmente a serviço disso.

Um intelectual, um filósofo, não tem nenhum direito de fazer nada na sociedade humana sem levar em conta as conseqüências que isso irá desencadear a longo prazo sobre as outras pessoas. Por exemplo, como você administra sua própria família? Outro dia, recebi uma carta de uma mulher que se queixava: “Meu marido não liga mais pra mim, só fica estudando...” E a mulher me pedia um conselho. Sabe qual é o meu conselho? Dona, tome vergonha na cara, faça o que o seu marido está fazendo. Siga o seu marido, você tem obrigação de segui-lo! E, se fosse o marido, eu diria a mesma coisa: siga sua mulher. Quando é a mulher que vai à frente e o marido não quer ir, é pior ainda. **[01:20]** Quando é a mulher que fica para trás, o marido ainda pode carregá-la nas costas; mas, se o marido ficar para trás, é pior, porque ele tem o poder natural do macho (mesmo na nossa sociedade, o macho é mais forte pelo menos fisicamente, fala mais grosso, intimida mais). Aristóteles dizia que é próprio da beleza do homem maduro possuir um poder intimidante; se o homem maduro não a possui, mas possui a beleza de um jovem, então há algo errado. Um jovem de catorze anos não tem nada de intimidante, mas um homem de trinta, quarenta anos, sim. Se um homem não inspira nem um pouco de medo, então não é homem adulto. E isso não está, evidentemente, no tipo de beleza da mulher. A beleza da mulher pode transmitir um certo fascínio, que pode implicar um medo – mas é o simples medo da infelicidade. A mulher bela tem o poder de torná-lo infeliz, se ela não gostar de você. O elemento atemorizante na beleza feminina não é o temor de um malefício que ela vai lhe fazer, e sim o de um benefício que ela vai lhe negar. Agora, o temor que o homem maduro impõe é o temor de um malefício. É muito pior! Se uma mulher bonita lhe virou a cara, você pode achar outra. Agora, se a mulher está apanhando do marido, o que ela vai fazer?

Quando o marido fica num nível de consciência inferior, e a mulher sobe, é uma desgraça – e eu já vi isso acontecer tantas vezes! O Brasil é o país do caranguejo no balde: um caranguejo vê outro saindo do balde e lhe puxa a perna para fazê-lo cair. Ninguém quer ir junto. O certo seria a mulher dizer: “Meu marido está evoluindo, está aprendendo um monte de coisas. Vamos, lá, ué!” Era ele quem devia estar se queixando dela! O seu marido não presta mais atenção à senhora? E quem disse que a senhora merece atenção? A senhora é que tem de prestar atenção ao que ele está prestando atenção. Porque amar uma pessoa não é ficar prestando atenção a ela, mas prestar atenção àquilo em que ela presta atenção. Quer dizer: a conjunção das almas que se amam se dá num ponto para além delas, e que não é nem uma nem a outra. Por mais bonita que a senhora seja, por mais atraente que seja o seu marido, vão ficar os dois olhando um para o outro como umas bestas – “Ah, que maravilha!” –, o tempo todo? Fica-se assim uma semana, depois se enche o saco. Tem de prestar a atenção numa coisa mais elevada, que atraia os dois – aquilo que vai para cima, converge e junta as almas. E é ali que se dá o verdadeiro amor, o verdadeiro casamento. Então, minha senhora, largue de ser preguiçosa e passe a se interessar pelo que interessa ao seu marido. Agora, se a senhora tem preguiça, peça para ele lhe dar umas palmadas, que é pra senhora acordar. É isso que tem de fazer. Se a senhora não merece pancada, merece pelo menos uma boa bronca do seu marido. Mas talvez ele já não goste tanto da senhora a ponto de lhe dar uma bronca. Então, comece a fazer algo para merecer uma bronca. Na hora em que ele começar a dar bronca, é

porque a senhora está começando a restaurar o amor dele, quer dizer, ele começa a esperar algo da senhora. Mãe se ele já não espera mais nada, então é porque o amor diminuiu bastante. Então comece a se interessar pelo que ele está fazendo, olhe para onde ele está olhando, em vez de ficar olhando para o seu próprio umbigo e dizendo: “Por que ele não olha para mim?”. Olhe para onde ele está olhando e a senhora vai começar a merecer dele pelo menos uma bronca, o que já é sinal de que o amor está voltando (ninguém fica dando bronca em alguém que não lhe tem importância). Se ele lhe der bronca, preste-lhe atenção.

Acontece que, dessa dualidade burguesa de vida prática e estudo, surge a religião burguesa, que é a coisa mais abominável e demoníaca que alguém já inventou. Os burgueses vão todos para o inferno! Quando Jesus Cristo disse: “É mais fácil passar um camelo pelo fundo de uma agulha do que um rico entrar no reino de Deus”, era disso que ele estava falando. A religião burguesa é o seguinte: “Aqui tem o plano de salvação da minha alma, e aqui tem o plano do conhecimento; o que interessa é ser uma boa pessoa, é não pecar, é rezar, confessar, comungar, daí eu vou para o céu. Conhecimento? Ah, isso é coisa para intelectuais” ou “é uma coisa mundana”. Ora, vocês ouviram aqui o começo – que eu li para vocês – do *Didascálicon*, de Hugo de São Vitor, onde ele diz: “O *estudo* levará você ao Cristo”. Quando ele diz – na tradução – a *sapiência*, o termo está bem aplicado. A sapiência não é o simples conhecimento, matéria de conhecimento, mas é a segunda pessoa da Trindade, é o *Logos* divino. Hugo de São Vitor diz que o *estudo* levará você a isso. Clemente de Alexandria dizia: “A filosofia é o pedagogo que leva você ao Cristo”. Volte ao começo da nossa aula e você entenderá por que o conhecimento faz isso. Porque é o conhecimento que cria os vários prismas pelos quais você pode olhar a sua alma e ter um conhecimento, ainda que vago, da forma total que ela está adquirindo, e é isso que você vai mostrar a Deus na confissão. Sabendo, é claro, que Deus conhece a sua forma total muito melhor do que você a conhece, e que, cada vez que você tentar mostrar a forma total para Ele, Ele a completará, até o ponto que você agüenta saber no momento.

Como é que pessoas que têm instrução universitária (um advogado, um sociólogo etc.) podem acreditar nessa besteira de que a sua religião, a sua prática espiritual, que há de levá-lo à salvação da própria alma, é independente do seu nível de conhecimento? Quer dizer, você quer brincar agora de “o pobrezinho de espírito”? “Sou tão inocentinho!” Quer se fazer de criancinha, o desgraçado! Quer ser alminha pura de criança! Então o que ele está fazendo? Está pegando a ignorância dele – ignorância culpada, feia, grotesca – e fazendo-a passar por inocência evangélica. Você vai pro inferno direto, desgraçado, se continuar assim! Por exemplo: o cara chega para confessar, dizendo: “Eu fui na casa de massagem... Eu enganei um sujeito num negócio”. Ah, é? Por que não confessa assim: “Meu Deus, na hora em que eu tomei a minha decisão, eu não levei em conta o conjunto do que eu sei, eu não levei em conta a verdade que eu conheço. Eu procurei ver das coisas só um pedacinho, porque com ele é mais fácil de lidar. E, portanto, meu Deus, eu descumpri o primeiro mandamento, e se eu descumpri o primeiro, já descumpri

também os outros nove”? Mesmo que não tenha comido a mulher do vizinho, não tenha trapaceado, já violou o primeiro mandamento! E você nunca confessará isso, porque isso não é o tipo de pecado em que reparam os outros burgueses. Estão entendendo? Então o que o sujeito está fazendo? Está criando uma alma podre e praticando lá a sua religiãozinha.

Conheço inúmeras pessoas – sobretudo no campo empresarial – **[1:30]** que fazem a mesma coisa: sabem qual é a situação do Brasil, sabem para onde nós estamos indo, mas fizeram negócio com o governo, estão ganhando dinheiro e pensam: “Ah, eu não vou me comprometer, não vou arrumar briga”. Daí, quando querem fazer algo para se sentirem melhor, vão à igreja e “confessam os seus pecados”, fazem preces... Mas o compromisso vital que eles têm não é com a verdade, não é com a consciência. A verdade e a consciência são elementos que eles usam para aliviar a própria vida. É o caso de um político, ou de um empresário, ou de um técnico etc. cujas grandes decisões jamais levarão em conta a parte mais alta do que ele sabe, porque, para fazer isso, seria preciso mudar, transfigurar os critérios da sua existência, muito mais profundamente do que se pode imaginar. E, sobretudo, precisariam sair dessa dualidade burguesa de vida prática *versus* estudo, da religião burguesa de conhecimento *versus* salvação, e da outra dualidade burguesa, que separa o interesse e o Bem: “tem coisas que estão certas, mas, na vida prática, na vida dos negócios, não é bem assim”. Ou seja, só quem pode te dar dinheiro é Satanás. “Ah, eu obedeço a Deus, mas, na hora de eu ganhar dinheiro, eu preciso obedecer a Satanás”. Ora, Satanás não dá um tostão pra ninguém! Quando ele dá, é o dinheiro em troca da vida. Todo esse pessoal que encheu a esquerda de dinheiro para “aplacar os inimigos”, achando-se espertos, dizendo: “Olha só, comprei os comunistas!”, agora estão todos pagando por isso. Tem o homem lá das Laranjeiras, tem o Daniel Dantas – tem um monte! Leiam o artigo do José Nivaldo, que está publicado no *Mídia sem máscara* sob o título de “Poder sem limites”. Leiam lá para ver o que está acontecendo com a burguesia brasileira. Eu tenho um monte de alunos que são a burguesia brasileira, mas um monte! Mais de cem. Se há uma circunstância altamente corruptora, onde um inimigo seu, alguém que professou matar você, está lhe oferecendo um dinheirinho – ou mesmo um dinheirão –, ele sabe o que está fazendo. Agora, se você colabora com ele só porque está ganhando dinheiro, então você apostou na sua própria morte e é isso o que você vai ter. Às vezes demora um pouco... Ainda quando é o caso de um empresário inculto, burro, que entra nisso por ignorância, limpo ele não está, porque colaborou com o mal de algum jeito. Agora, se foi um aluno meu , ele tem obrigação de conhecer a sociedade brasileira para saber o que vai acontecer! Você tem de agir em função do que você sabe que vai acontecer – e não daquilo que você espera que lhe enriqueça mais. “Ah, mas eu quero ter uma esperança ainda...” Ora, quer ter esperança de quê? De ganhar mais dinheiro? Mesmo que seja à custa da desgraça de todos? Mesmo sustentando no poder essa malha de interesses de FARC, de Foro de São Paulo, de PCC, de terrorismo islâmico – tudo isso presidido por um estuprador? Não faz o menor sentido, sobretudo se você foi meu aluno. E não pense que indo à igreja você aplacará esse mal. Não pense que, mesmo que colaborando com este curso, você vai corrigir o que fez, porque você está fomentando o mal para todo mundo e querendo o bem

para você. “Ah, eu vou lá no curso do Olavo, aprendo umas coisas... Eu vou na igreja...”

Mas espere aí: você sabe o que o Olavo está fazendo? Ele está formando uma nova intelectualidade. Isso aqui é um apostolado. Eu não conheço uma única entidade da Igreja que esteja fazendo uma coisa mais importante. Tudo o que eles estão fazendo é nada, é só estética, é só para satisfazer vaidade burguesa. Tudo! E ainda têm a cara-de-pau de oferecer às pessoas a salvação da alma. Eu digo que, se você não reorganizou todo o conjunto da sua vida, se você não re-hierarquizou a sua vida de uma maneira altamente inteligente, estabelecendo para si: “Agora estou estudando com o Olavo, ele me deu os meios de aprender. Posso entender como funciona a sociedade humana e saber para onde ela está indo. Tenho de agir com base na consciência que tenho do que está acontecendo e do meu conhecimento sobre que forças históricas estão postas em movimento, e para onde as coisas estão indo, e como é que podemos evitar a catástrofe, ou pelo menos minimizar os seus efeitos.” Isso tem de ser a sua preocupação e isso tem de dirigir o conjunto da sua vida, incluindo o seu empreendimento! Por exemplo: seu primeiro dever consiste em desatrelar os interesses da sua empresa dos interesses do governo, e, portanto, dos interesses do PT. Você tem de desatrelar, mesmo que tenha de fazer como certos empresários brasileiros, de quem eu posso dar um exemplo: a fábrica Taurus. É evidente que, no Brasil, os interesses dessa empresa estão atrelados aos interesses do governo, porque só o governo é o comprador de armas. Então, o que a Taurus fez? Ela se instalou aqui nos Estados Unidos, e aqui ganha mil vezes mais dinheiro do que ganha no Brasil. A Taurus é hoje a maior fabricante de armas pequenas dos Estados Unidos. Isso significa que eles não precisam se ajoelhar diante do PT. Eles têm condições de negociar. Agora, o outro, que baixou a cabeça para o PT, se acha o esperto. Por quê? Porque ele acredita que existe o bem e a verdade do conhecimento, de um lado, e o interesse prático, do outro. Eu não estou querendo atrapalhar os seus negócios, pelo contrário, eu quero que você prospere infinitamente mais do que já prosperou, e eu sei como fazer isso. Mas, se você prefere a outra via, você estragou a sua vida, meu filho. E você vai precisar de pseudo consolações, ou religiosas ou lúdicas, enquanto está danando a própria alma. “Ah, mas o padre me absolveu!” Mas a absolvição dura cinco minutos, você está em estado de graça durante cinco minutos. Saiu do confessionário, já pecará outra vez. Se a sua vida está estruturalmente montada nesse engodo, nesse engano, você está no pecado permanente. Porque você sabe – ou pelo menos tem a obrigação de saber – para onde as coisas estão indo, o que está realmente em jogo no Brasil e qual é a imensa desgraça que está se preparando – que já está acontecendo, na verdade. “Ah, mas eu não quero saber disso, a gente está ganhando, eu tenho uma esperança, as coisas vão melhorar, vamos eleger o José Serra...” Meu Deus do céu! Você acha que essa ingenuidade política é esperteza? Talvez, porque o que se chama de esperteza no Brasil é vigarice de ladrãozinho. Para mim, esperteza é a grande estratégia. A esperteza é vencer, não é tirar uma vantagenzinha. Você ganha um dinheirinho e perde cada vez mais poder, mais poder, mais poder, até o momento em que qualquer fiscal, de qualquer repartição federal, pode entrar, cuspir na sua cara, e você vai ter de dizer

amém. Se quiserem, fecham a sua empresa em cinco minutos. Então você está vivendo de favor. É isso que eu quero para você? Não, eu quero a sua independência, sua prosperidade, sua riqueza, seu poder. É isso o que eu quero para você, [01:40] para todos os que são empresários. Se você não é empresário, está envolvido com política ou o que seja, é isso que eu quero para você também.

Então, compreender o conjunto da sociedade, levar a consciência ao ponto de poder tomar cada decisão olhando o conjunto e não apenas aquele pedacinho a que se está acostumado é a obrigação de todo aluno deste curso, seja na vida pessoal, profissional ou religiosa; elevar o nível da consciência. Nunca podemos agir como se um dos nossos papéis sociais constituísse uma substância real. O papel social é só uma posição na qual você está no momento, não é sua substância real. Claro que temos de lidar com o papel social, mas devemos usá-lo para a finalidade geral, e não ter duas finalidades: "Eu faço o curso, estudo filosofia e até sigo a religião, mas há aqui o meu trabalho, que não tem nada a ver com isso." O seu trabalho tem tudo a ver com isso. Onde quer que se aplique o que eu estou falando, você vai acrescentar ao pouco de poder que tem – que na maior parte dos casos é um poder negativo – alguma autoridade. Portanto, nada de desculpas.

Considere as organizações religiosas que há no Brasil (que são enormes, algumas até milionárias); elas têm cem vezes mais gente que o nosso curso. Aponte-me um centímetro de terreno que elas tenham conquistado nos últimos vinte anos. Nada. Estão cada vez mais com o rabo entre as pernas, cada vez mais de cabeça baixa. Eu até escrevi um artigo essa semana dizendo o seguinte: o César Benjamim publicou na Folha de São Paulo que, em 1994, o Lula se gabou de, quando estava preso na cadeia, ter dito: "Ah, eu não agüentaria ficar preso muito tempo." "Por quê?" Respondeu literalmente: "Não vivo sem boceta." Nós podemos até compreender... Mas, por falta do referido órgão feminino, ele tentou estuprar um rapaz dentro da cadeia. O Reinaldo Azevedo, que é meu amigo e um homem que respeito – um cara que não tem nenhuma cumplicidade com o mal que está acontecendo no Brasil –, começa seu artigo dizendo assim: "Eu não tenho nada a ver com a vida privada dos políticos, a não ser quando elas contrariam os princípios pelos quais eles dizem lutar." Ele mais ou menos coloca o César Benjamim como sendo um adversário respeitável, com o qual se pode discutir civilizadamente. O que significa isso aí? Uma total falta de sensibilidade moral para julgar a coisa na sua verdadeira gravidade. Você tentar estuprar um prisioneiro na cadeia diante dos outros detentos, na mesma cela e num edifício de propriedade do Estado, não é vida privada e sim um crime: tentativa de estupro, cometido diante de testemunhas e num prédio do Estado. Por que essa atenuação? "Ah, vida privada..." Não há nada de vida privada nisso aí. E segundo: o César Benjamim ficou sabendo da coisa em 1994. O que ele fez? Foi à primeira delegacia falar "Acabo de ouvir a confissão de um crime e vim aqui denunciá-lo"? Um inquérito tinha de ser aberto e as vítimas e testemunhas, convocadas. Foi isso que fez? Não, ele escondeu, porque isso poderia "queimar a reputação dos partidos de esquerda." Passados quinze anos do acontecimento, o seu partido (PSOL) agora tem interesses antagônicos ao da candidata lulista Dilma Roussef; daí ele vai à Folha e denuncia aquilo que soube em 1994. Se ele tivesse contado

isso antes, o Lula jamais seria Presidente da República. Não seria nem candidato. Esse homem poderia ter mudado o curso da história deste país, mas, à época, não “interessava” à esquerda.

O Reinaldo Azevedo, que é um homem bom e freqüentemente lúcido, não percebe a gravidade do crime do Lula e nem do César Benjamim. O César Benjamim é tão ruim quanto o Lula. Ele ajudou, pela sua omissão deliberada e constante, repetida durante quinze anos, um estuprador a se tornar Presidente da República, e agora vem fazer de conta que é o “denunciante corajoso e moralista” que está “chocado” com o comportamento do Lula. Ele só fez isso porque está no PSOL e contra a Dilma Roussef, candidata lulista. Só agora a “denúncia” se tornou politicamente conveniente. Vejam o ponto a que esse país se rebaixou, minha gente. Não só essas coisas acontecem, mas o jornalista e comentarista, atuante na grande mídia, mais hostil ao governo presente não é capaz de perceber a verdadeira gravidade do que está falando; atenua tudo sem querer, mas atenua. Se continuarmos arrumando desculpazinhas para fazer certas concessões desnecessárias e autodestrutivas no longo prazo, apesar de na hora parecerem vantajosas, estaremos aceitando essa degradação. Quereremos ser governados por um estuprador, estuprados por um bandido, roubados, assassinados, levar tapa e cuspida na cara e dizer: “Sim, senhor, Excelência.” No Brasil, é claro que o empresariado inteiro é culpado disso, com uma ou duas exceções.

O estudo da filosofia e o desenvolvimento da vida intelectual têm de estar no centro e no topo das suas vidas. Isso tem de dirigir e presidir a totalidade das suas decisões na vida, suas decisões de casamento, de família, de viagem, empresariais, profissionais, tudo, de modo que tudo venha do seu centro e reflita uma personalidade inteira com toda a consciência que ela tem das suas motivações e das causas e conseqüências dos seus atos. Se não, você estará apenas tentando criar um simulacro de vida intelectual (e até de vida espiritual, religiosa) para encobrir a fossa da sua vida.

Dentro dessas perspectivas, quando eu lhes digo “o estudo é que o levará ao Cristo”, as pessoas entendem “o estudo o levará à Igreja Católica (ou à igreja protestante ou sei lá ao que).” Quando um aluno, depois de muito tempo, declara “Voltei à Igreja Católica”, a declaração vem seguida de “O curso do Olavo atingiu o seu objetivo”. Eu digo: “Um momento! Não foi disso que eu falei.” Seguir a vida religiosa é sua obrigação e já era antes de você ter entrado aqui. Até o Leonardo Boff esteve na Igreja Católica; o presidente da União Européia, um homem do governo mundial, também está lá. Toda a Ordem jesuíta, que é, oficialmente, desde o comandante até o último homem, um órgão marxista revolucionário empenhado em destruir a Igreja, está dentro dela. Não há vantagem em estar dentro da Igreja Católica. O que significa estar dentro dela? Nada. Não significa mais nada. Muitos alunos meus, quando encontram o primeiro padre que lhe diz alguma coisa diferente do que eu falei, seguem o padre. “Ah, o padre representa a Igreja Católica.” Quem disse? Você não sabe nem se a ordenação dele foi regular. Há milhares de padres que, depois do Concílio Vaticano II, foram ordenados irregularmente; não são sequer padres. Você nunca sabe. Então, o que fazer? Não é para seguir a orientação de nenhum, nunca, a não ser que você tenha estrita certeza de quem ele é, de

onde veio e o que faz lá dentro, e isso leva muito tempo para se descobrir. **[01:50]** “Ah, mas ele é um padre conservador.” Então você acha que todo mundo que trabalha para a KGB sai dizendo “Eu sou da KGB, sou comunista! Viva a Karl Marx!”?

O pessoal que botou esse bando de corrupto e pedófilo dentro da Igreja... Será que quando eles começaram a fazer isso, chegaram lá todos vestidos de cor-de-rosa, de arco-íris, dizendo “Nós somos do movimento *gay* e viemos aqui para esculhambar!”? Não. Eram pessoas respeitáveis (na aparência). Contato com a Igreja Católica é o seguinte: você vai à missa, confessa e comunga, porque, se o padre tiver sido ordenado irregularmente, ele vai para o inferno, não você. Confesse e comungue e não converse com padre nenhum. No Brasil inteiro, só há um padre em quem confio: Padre Paulo Ricardo de Azevedo, porque eu conheço a sua história. Não digo que não haja mais nenhum, mas eu só conheço um. Ele “honra a camiseta”. Dos outros, não confio em ninguém. “Ah, mas o cara é de uma entidade conservadora.” Espere para ver a história dele, espere conhecer tudo e, mesmo assim, se o convidar para qualquer coisa, não vá. Convidou para uma entidade, não vá. Convidou para tal coisa, não vá. Eu digo isso há anos, mas não entra na cabeça.

Se vocês ainda têm a energia para agüentar mais um pouco, pois sei que hoje estou falando demais, mas é preciso falar, é o seguinte: o que você pensa que os tempos vindouros reservam à Igreja? Uma grande vitória? Todo mundo vai voltar para a Igreja Católica? Não é nada disso. O que eles reservam é uma catástrofe sem precedentes. Os que são católicos não são protestantes – os protestantes acreditam ter uma linha direta com Jesus Cristo; os católicos sabem que não têm e precisam de um negócio chamado Igreja. Você olha em volta e não há Igreja. O que você tem de fazer, então? Ser fiel à Igreja em Espírito. Se você precisa daquela consolação que é ter uma comunidade, uma instituição... Isso nunca foi a Igreja. Leia a história dos primeiros séculos da Igreja.

Dos primeiros dezoito papas, nenhum morreu na cama. Foram todos executados. Todos. Isso é a Igreja Católica. Será que alguém naquele tempo entrava na Igreja Católica para obter uma segurança na sociedade? Os cristãos, pela legislação romana, não tinham direito a ter bens, poderiam ser presos a qualquer momento sem a necessidade de outra acusação senão a de que eram cristãos, e ser atirados aos leões para ser comidos na arena sem a necessidade de nenhuma acusação (e milhares foram). O décimo ou décimo segundo papa (algo assim) se chamava Ponciano. Surgiu um opositor seu chamado Hipólito, que era um sujeito muito radical, muito purista e moralista e que dizia o seguinte: “Se uma pessoa for expelida da Igreja, nós não podemos aceitá-la de volta. As prostitutas, nós as botamos daqui para fora.” O Papa Ponciano dizia: “Não, não foi isso que Jesus Cristo ensinou. Se o sujeito se arrepende, nós temos de aceitá-lo de volta.” O Hipólito, com aquela indignação moral (semelhante à que vemos de vez em quando nesses pastores protestantes, como o Bispo Macedo falando que o outro comeu a mulher do vizinho, como se fosse a própria Santidade inflamada contra o pecado do mundo), elegeu-se o Antipapa. Nomeou-se a si próprio o Antipapa baseado numa minoria e numa eleição totalmente irregular; foi o primeiro Antipapa da

História. Pouco tempo depois, os romanos, que pouco estão se lixando para as divergências internas da Igreja Católica, pegaram o Hipólito e o mandaram, após tê-lo submetido a torturas horríveis, para as minas (acho que eram minas de prata ou de outro metal qualquer) na Sardenha. O lugar não tinha árvores, nada, só pedras e muito metal. Uma das condenações era, se o sujeito não fosse logo jogado na arena aos leões ou não morresse na tortura, ser mandado para as minas. Ao chegar à mina, a primeira providência era a castração; segundo, prendiam o sujeito numas correntes que jamais o permitiam ficar de pé, de modo que tinha de ficar curvado o tempo todo. No primeiro dia, ele já levava de cara sessenta chibatadas. Setenta por cento morriam no primeiro dia. O Hipólito foi condenado a isso. Uma semana depois, o próprio Papa Ponciano foi mandado para a mesma mina. Chega lá e encontra seu inimigo. Ali, Hipólito confessa seu erro ao Papa e lhe pede absolvição. O Papa a concede e os dois morrem logo em seguida. Isso era a Igreja Católica. E você quer um suporte institucional, vagabundo? Isso é imoral, absolutamente imoral. Você já confessou isso alguma vez?

Eu digo uma coisa que saiu direto da boca de Jesus Cristo, “mas o padre disse outra coisa e eu sigo o padre, porque ele representa a instituição.” Você já confessou isso? É um pecado monstruoso. O Olavo não é nada, minha gente, é um pecador desgraçado. Mas é o seguinte: eu estou dizendo a verdade. Não tenho carta na manga, não tenho objetivos não declarados; estou declarando todos os meus objetivos. Não estou angariando apoio para um empreendimento cujas finalidade últimas você desconheça. Estou dizendo qual é o objetivo, e mais ainda: não vou fiscalizar se você cumpre esses objetivos ou não, pois não tenho meios e nem os quero fiscalizar. Não tenho poder sobre vocês, nenhum poder. Se vocês todos quiserem me trair, me vender para o capeta amanhã, todos vocês podem fazê-lo; o que é que eu vou fazer? Nada. Vocês não o fazem porque não querem. As organizações que existem por aí não são assim; elas têm dinheiro, poder e uma organização hierárquica tal que você nem sabe quais as decisões tomadas no mais alto nível. Você não sabe qual é o comprometimento político que têm e leva anos para descobrir. Quando a Ordem Jesuíta inteira traiu a Igreja – a começar pelo Padre Arrupe, que era o chefe –, os papas levaram vinte anos para perceber. Você vai dizer que o Papa não está informado? Conseguiram esconder do Papa o que estava acontecendo. Por exemplo, esconderam que os padres jesuítas da Nicarágua eram todos marxistas e queriam fazer uma revolução comunista. O Paulo VI levou um tempão para descobrir isso. Ele, quase às vésperas da morte, ainda acreditava que eles apenas queriam “derrubar a ditadura e implantar a democracia.” Acreditava nessa besteira. Você sabe onde está se metendo ao entrar para uma organização? Sabe quanto tempo de pesquisa leva para você descobrir isso? Se é meu aluno, não tem o direito de se aproximar disso antes de saber tudo a respeito. Tudo. Hoje nós estamos pisando em ovos, meu filho. Você tem de aprender o seguinte: não há suporte institucional. Nós vamos assumir essa responsabilidade na nossa solidão perante Deus.

Claro que, de vez em quando, temos essa breve consolação de poder estar juntos pela internet. Não podemos sequer nos reunir. Já pensou no dinheirão **[02:00]** que custaria para reunir esses meus mil alunos? “Vamos fazer aqui um congresso do Curso Online de Filosofia. Vamos todos nos encontrar em Miami

num hotel de cinco estrelas.” Não poderemos fazer isso; de vez em quando vem um, vem outro... O nosso contato, temo-lo pela internet. É uma pequena consolação que temos, mas o essencial do nosso serviço é feito na nossa solidão. Não é solidão total; você não está fazendo voto de celibato clerical. Quando fazemos esse voto, já mandamos o cara lá para o deserto do Saara para que seja um São Simeão Estelita, construímos um poste e o botamos lá em cima e lhe falamos: “Não saia daí!”. Não estamos fazendo isso com ninguém. Você pode casar, ter uma boa esposa, ter filhos que vão gostar de você e amá-lo, ter um cachorro que lhe vai abanar a cauda... Há todas essas consolações modestas e humildes da vida, que são tão importantes. Tudo isso você pode ter, mas as suas grandes decisões são tomadas a sós; têm que ser tomadas com base no conhecimento. E, sobretudo, se é para fazer uma coisa que disse que não fizesse, pode acontecer de você estar certo e eu, errado. Qual é a sua obrigação? Você tem de estudar o assunto tanto quanto eu o estudaria durante anos para depois poder chegar e dizer: “Professor, não é assim como você falou. A coisa é diferente.” Se você tiver razão, eu vou dizer que sim.

O contato com a Igreja Católica – ou com a igreja evangélica, que não está melhor (pelo menos no Brasil)... Você é evangélico? Então você vá lá, ouça o sermão, cante os hinos e saia correndo. Que eu saiba, ninguém jamais foi para o inferno por rezar e cantar hinos em louvor ao Senhor. Enquanto você faz isso, está inocente. Mas daí, “Ah, fui convidado para entrar no grupo do não-sei-o-quê...”, diga: “Ah, agora não posso, estou ocupado.” Nenhum envolvimento com nada. Se você vai à igreja e recebe o sacramento, fez tudo o que é preciso fazer. Então fica aí essa mensagem. Quando vocês ouvirem isso, eu estarei viajando, mas creio que a maioria que está online ouviu até o fim e os outros ouvirão durante a semana. Até a semana que vem e muito obrigado. Semana que vem, teremos aula normalmente.

Transcrição: Leonardo Brayner, Marta Peters, Marcelo de Alencar Viana, Alexandre Ribeiro.
Revisão: Marcela Andrade